



©

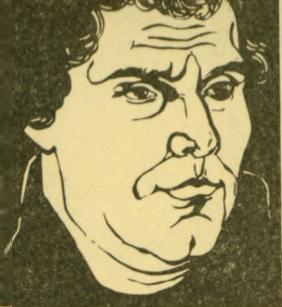
Ministério

Adventista

NESTE NÚMERO

*Os Adventistas e o Controle
da Natalidade - Pág. 3*

*Ellen G. White e as Relações
Marrimoniais - Pág. 6*



Oração de Lutero

“Ó onipotente e eterno Deus, quão terrível é este mundo! Eis que êle abre a bôca para tragar-me, e eu tenho tão pouca confiança em Ti... Quão fraca é a carne, e quão forte é Satanás! Se eu tiver de pôr a minha confiança apenas na fôrça dêste mundo, tudo está acabado... É chegada a minha última hora; tem sido proferida a minha condenação...”

“Ó Deus, ó Deus! ... Ó Deus, ajuda-me contra tôda a sabedoria do mundo! Faze-o! Deves fazer isto... Só Tu... Pois esta obra não é minha, mas Tua. Nada tenho a fazer aqui, nada que disputar com os grandes dêste mundo.

“Quisera que os meus dias decorressem de modo tranqüilo e feliz, mas a causa é Tua. ... e é uma causa justa e eterna. Ó Senhor, ajuda-me! Fiel e imutável Deus, não coloco a minha confiança no homem. Seria inútil. Tudo o que se relaciona com o homem é incerto. Tudo o que provém do homem é falível...”

“Ó Deus, meu Deus, não me ouves? ... Meu Deus, estás morto? ... Não, Tu não podes morrer. Apenas estás a ocultar-Te. Tu me escolheste para esta obra. Tenho certeza disto... Age, então, ó Deus! ... Permanece ao meu lado, por amor de Teu amantíssimo Jesus Cristo, o qual é minha Defesa, meu Escudo e minha Fortaleza.”

Após um momento de silenciosa luta, êle continua:

“Senhor, onde Te ocultaste? ... Ó meu Deus, onde estás? ... Olha, olha, eu estou pronto! ... Estou pronto para depor a minha vida em favor de Tua verdade..., com a resignação de um cordeiro, pois é por causa da justiça, por causa de Ti... Jamais irei separar-me de Ti, nem agora nem através da eternidade...”

“Ainda que o mundo esteja repleto de demônios — ainda que o meu corpo, que é obra de Tuas mãos, seja chacinado, seja estendido sôbre a calçada, seja esquartejado, reduzido a cinzas, ... minha alma pertence a Ti... Tua Palavra é minha segurança. Minha alma pertence a Ti, e habitará para sempre contigo... Amém... Ó Deus, ajuda-me! ... Amém.”

NOTA DA REDAÇÃO: A oração acima foi proferida por Martinho Lutero ao aproximar-se da cidade de Worms, para comparecer perante a Dieta. Essa espécie de oração pode contribuir grandemente para promover avivamento e reforma no tempo atual.



Os Adventistas e o Contrôle da Natalidade

J. R. SPANGLER

Director da Revista *The Ministry*

SE o controle da natalidade, por si, é um problema moral, Satanás, a esta altura, deve estar tão exuberante como êle esteve quando Adão e Eva comeram do fruto proibido. Que diria o mundo, especialmente o mundo cristão, se resolvêssemos o problema do controle da natalidade? Os protestantes podem zombar do dilema de Roma, mas a maioria das leis dos Estados Unidos contra o controle da natalidade, recentemente derrotadas e raras vezes executadas, são atribuíveis à legislação protestante.

As discussões a respeito do controle da natalidade e outros pontos correlatos variam de possíveis aumentos de imoralidade entre casados e solteiros, a questões imponderáveis, tais como: Quando o óvulo fecundado se torna um ser humano? A ciência moderna apresenta agora à humanidade duas perguntas biológicas e espirituais um tanto extremas:

1. Em que ponto da transformação do óvulo fertilizado numa criança, ocorre o assassinio microscópico, em caso de aborto?

2. Em que ponto ocorre a morte no caso daqueles cujo coração ou outros órgãos vitais são usados em transplantes?

Podemos enunciar êstes dois problemas em poucas palavras, perguntando apenas: Qual é a definição de vida, e de morte? Quão venturosos foram os nossos antepassados por escaparem de muitas dores de cabeça, numa época em que não existiam tais problemas!

A magnitude destas e de outras questões correlatas com que deparam os homens do século XX ficou gravada em minha memória por meio da leitura de um livrinho que recebi de um bom vizinho católico. Êsse opúsculo de quarenta páginas, preparado pela arquidiocese de Washington, D. C., contém trinta e oito perguntas e respostas relacionadas com a histórica encíclica do Papa Paulo VI, "*Humanae Vitae*" ("Da Vida Humana"), de sete mil palavras. Algumas das perguntas têm mais ou menos o seguinte teor: Por que os católicos não podem seguir sua própria consciência no tocante às medidas anticoncepcionais?

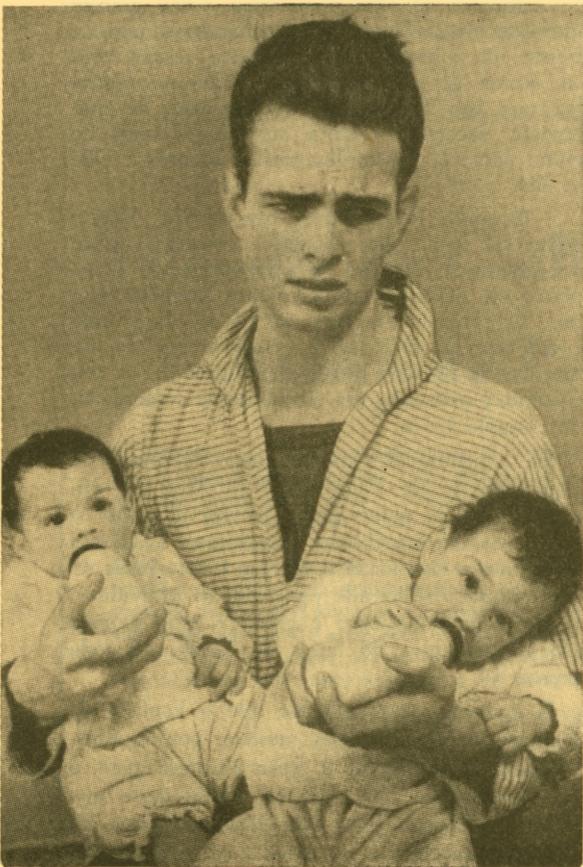
Será que o próximo papa, ou o que vier depois, não alterará o que foi feito pelo Papa Paulo VI?

Suponhamos, porém, que a condenação das medidas anticoncepcionais não seja infalível. Então ela é falível, não é mesmo? E se fôr falível, acaso não pode estar errada?

Como um papa e bispos solteiros podem ousar dizer o que as pessoas casadas devem fazer?

As medidas anticoncepcionais e a periodicidade têm o mesmo objetivo em vista. Qual a diferença entre usar um ou outro método?

As respostas a estas e outras questões igual-



mente interessantes constituem uma obra-prima de lógica e rabulice combinadas. O menos que se pode dizer a êsse respeito é que isto nos ajuda a compreender por que a decisão papal, que resultou numa explosão teológica, causou tanta controvérsia!

Adventistas Silenciosos

A Igreja Adventista do Sétimo Dia não fez qualquer declaração oficial a respeito dêsse assunto. Conquanto em geral se considere o uso de anticoncepcionais como questão pessoal, que deve ser decidida pelo membro individual, nunca adotamos formalmente tal atitude.

Quer admitamos isto, quer não, recebemos em tempos passados orientações práticas acêrca dêste assunto. Êste fato tornou-se mais claro para mim numa recente palestra com o Rev. Carlos R. Ausherman, diretor do Programa de Planejamento da Paternidade, do Serviço Mundial da Igreja. Seu objetivo declarado é combater a fome e a pobreza, promover o desenvolvimento social e econômico e a paz mundial. Seu programa de planejamento da paternidade procura ajudar as regiões menos favorecidas a alcançar independência social e econômica e dignidade humana, através do planejamento da família. Afirmando que em nosso tempo a paternidade responsável constitui uma necessidade urgente para combater a fome e a pobreza e para ajudar no desenvolvimento mundial dos seres humanos. O orçamento anual de seu programa em quarenta e oito países atinge um milhão de dólares.

O Sr. Ausherman, que viaja através do mundo todo, conhece pessoalmente a nossa obra médica em diversas partes do globo terrestre. Antes que Ella May Stoneburner, diretora de educação da saúde para a Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, o trouxesse ao meu escritório, comecei a procurar algumas respostas para as perguntas que eu sabia que êle iria fazer. Desejava saber qual é a posição dos adventistas no tocante ao controle da natalidade.

Orientação do Espírito de Profecia

Visto que os livros que expõem os regulamentos de nossa Igreja nada dizem a respeito dêsse assunto, meus pensamentos volveram-se para os escritos do Espírito de Profecia. As claras e incisivas afirmações de Ellen G. White no tocante à responsabilidade dos pais constitui a mais forte evidência que os adventistas possuem em favor do planejamento da família.

Expus ligeiramente ao Sr. Ausherman a posição e a autoridade do Espírito de Profecia na

Igreja Adventista do Sétimo Dia. Li então para êle os seguintes trechos:

“Há pais que, sem considerarem se podem ou não sustentar uma grande família, encham a casa com êsses pequenos seres desajudados, que dependem inteiramente dos pais para instrução e cuidado.... Isto é um grave erro, não apenas para com a mãe, mas também para com os filhos e a sociedade.” — *O Lar Adventista*, pág. 162.

“Antes de aumentar a família, devem pensar se Deus é glorificado ou desonrado com o trazerem filhos ao mundo. Devem buscar glorificar a Deus por sua união desde o princípio, e durante todo o tempo de sua vida de casados. Devem considerar com calma as providências a serem tomadas para com os filhos. Não têm direito de os poreem no mundo para servirem de carga a outros. Têm êles um meio de vida em que podem confiar quanto ao sustento da família, de maneira a não se tornarem *pesados* aos outros? Se o não têm, cometem um crime em trazer filhos ao mundo para sofrerem por falta do necessário cuidado, alimento e vestuário.” — *Mensagens aos Jovens*, pág. 462.

“Os que são seriamente deficientes em tato comercial, e os menos qualificados para se ajustarem no mundo, geralmente encham a casa de filhos, ao passo que os habilidosos para adquirir propriedades em geral *não têm mais filhos do que aqueles que podem bem atender*. Os que não estão qualificados para cuidarem de si, não deviam ter filhos.” — *O Lar Adventista*, pág. 165. (Grifo nosso.)

“Quase Inacreditável”

Enquanto lia estas e outras declarações, eu observava cuidadosamente o semblante do Sr. Ausherman, para vislumbrar sinais de aprovação ou desaprovação. Êle manifestou o seu grande interesse nessas citações, inclinando-se para a frente na poltrona. Sua primeira reação veio em forma de uma pergunta: “Quanto tempo faz que isso foi escrito?” A resposta de que haviam decorrido setenta ou oitenta anos de então para cá, causou-lhe visível surpresa. Disse êle:

— Ê quase inacreditável que a Sra. White escrevesse com tanta clareza e convicção sobre um assunto a respeito do qual o mundo tinha pouco ou nenhum conhecimento naquele tempo. O conceito de que os filhos eram uma carga para a sociedade, a menos que se tomassem as devidas providências quanto ao seu sustento e instrução, era virtualmente desconhecido naquela época.

Êle continuou a explicar que o Programa de Planejamento da Paternidade procura dar ênfase cristã à paternidade consciente, sob o ponto de vista bíblico e teológico. Sália também que o amor de Deus em Cristo Jesus revela suprema solicitude para com os indivíduos. Paternidade consciente e cristã é uma expressão fundamental do amor de Deus por toda pessoa.

A apresentação da ênfase que o Espírito de Profecia confere a êsses mesmos pontos constituiu uma agradável e forte surpresa para o Sr. Ausherman. Êle solicitou cópias dêste material e permissão para usar algumas partes em suas publicações.

“Nunca Posso Deixar de Maravilhar-me”

Mais tarde, numa conversa pelo telefone, êle tornou a salientar sua admiração pelo conhecimento antecipado que tínhamos acêrca do assunto do planejamento da família. Disse então:

— Nunca posso deixar de maravilhar-me de que a Sra. White tivesse tão claras noções a respeito da responsabilidade dos pais. Possuíeis conhecimentos que ultrapassavam consideravelmente o tempo em que foram transmitidos.

Durante a conversação que entabulamos, perguntei-lhe se êsse assunto realmente era desconhecido no tempo da Sra. White. Respondeu o seguinte:

— Com tôda a certeza, e mesmo agora existe muita ignorância entre os cristãos, no tocante a sua responsabilidade no planejamento da família.

Naturalmente, sua reação diante do superior conhecimento de Ellen G. White foi deveras aprazível. Era fascinante ouvir um líder imparcial de determinado setor de atividade fazer tão positivas e favoráveis declarações a respeito de certas noções de nossa Igreja, que estavam e estão muito à frente do mundo em geral.

Isto deve fortalecer nossa convicção acêrca da relevância e validade dos escritos do Espírito de Profecia. Por outro lado, houve um aspecto humilhante nesta experiência. Em primeiro lu-

gar, os adventistas que estudam os escritos do Espírito de Profecia estavam inteirados dêsse conceito especial; mas, provavelmente, a maioria de nós, como eu mesmo, simplesmente o admitíamos, sem perceber que havia algo singular, adiantado e especial no tocante a essa questão.

Em segundo lugar, procuro imaginar quantos outros conceitos e idéias avançadas nos foram graciosamente concedidos, sem que nos lembremos de agradecer a Deus por essas verdades progressivas e modernas.

“Onde Estaríamos Hoje se ...”

Existe, porém, alguma coisa mais desconcertante do que tudo isso. Quantos princípios e conceitos adiantados e atualizados são expostos no Espírito de Profecia, que desconhecemos ou recusamos seguir por um motivo ou outro!

Onde estaria a igreja hoje em dia se ela submetesse inteiramente a sua vontade às revelações especiais? Ou, então: Onde estaríamos hoje se recusássemos seguir qualquer parte do plano divino? Há alguém entre nós que pode dar uma resposta otimista a essa última pergunta? Espero que não!

(Continuará no próximo número.)

Filosofia de Guilherme Miller

Acêrca da Pregação e o Ensino

“DESEJO, portanto, aconselhar-vos a conduzir vossos ouvintes a Jesus Cristo, por meio de passos vagarosos e seguros. Digo *vagarosos*, porque presumo que êles ainda não são suficientemente fortes para correr. *Seguros*, porque a Bíblia é uma palavra segura. E onde vossos ouvintes não estiverem bem doutrinados, deveis pregar a *Bíblia*, deveis provar tôdas as coisas pela *Bíblia*, deveis falar sôbre a *Bíblia*, deveis exortar com a *Bíblia*, deveis orar a *Bíblia*, amar a *Bíblia* e fazer tudo o que estiver ao vosso alcance para incentivar outros a amar também a *Bíblia*. Um grande meio de realizar o bem consiste em tornar os vossos paroquianos cônescios de que sois sinceros e credes completa e solenemente naquilo que pregais. Se quereis que vosso povo sinta algo, senti-o vós também; se quereis que êles creiam o mesmo que vós, mostrai-lhes por vossa constante assiduidade no ensino, que o desejais sinceramente. Podeis efetuar maior bem junto à lareira e em vossos círculos de convívio social, do que no púlpito.”

(Escrito para Truman Hendryx, um jovem pregador batista, o qual, de acôrdo com as palavras de Miller, tornou-se o seu “mais querido amigo sôbre a Terra.”)

Ellen G. White e as Relações Matrimoniais

ARTUR L. WHITE

Secretário do Patrimônio de Ellen G. White

PRIMEIRA PARTE

ELLEN G. WHITE encetou o seu ministério profético numa época muito difícil em vários sentidos. Diversos indivíduos dirigiam pequenos grupos religiosos na Nova Inglaterra e no centro-oeste dos Estados Unidos, nas décadas de 1830 e 1840, os quais pretendiam ser favorecidos com revelações divinas duma espécie ou outra. Nalguns casos, a instrução que eles asseveravam provir diretamente de Deus, conduzia a extremismos com referência ao sexo. Num extremo encontravam-se os *Shakers*, que praticavam o celibato e levavam uma vida em comum, e os maridos e as espôsas que se haviam casado ocupavam dormitórios separados. No outro extremo encontravam-se os mórmons, que defendiam a pluralidade de espôsas, permitindo dentro da aquiescência do círculo da igreja certa promiscuidade na condescendência sexual, não só com a garantia da aprovação de Deus, mas por ordem Sua, com a promessa de bênção especial na vida futura.¹

As visões dadas a Ellen G. White, desde a primeira, em dezembro de 1844, apontavam para o próximo advento de nosso Senhor e Salvador e faziam referência à necessária preparação do coração e da vida para o encontro com Jesus em Sua volta. Sob o ponto de vista estritamente humano, quão fácil teria sido introduzir nesse tempo algumas idéias extremistas no tocante à relação entre maridos e espôsas, com o aparente objetivo de produzir elevada condição de pureza! Mas os escritos de Ellen G. White, embora sempre fizessem alusão à pureza de vida, distinguiram-se desde o começo por total ausência de extremismo no tocante ao assunto do sexo, e apresentam consistentemente uma posição bastante equilibrada.

Em suas alusões aos primeiros tempos da causa adventista, feitas na década de 1890, Ellen G. White revela que pontos de vista extremos eram advogados por alguns que pretendiam ter afinidade com os crentes do advento. Alguns desses extremistas ensinavam que mediante uma vida de continência alcançariam elevado nível espiritual. Tais ensinamentos foram vigorosamente combatidos por Ellen G. White, em nome do Senhor, com base nas visões que Deus lhe

havia dado. Conquanto as idéias extremistas nesse setor de ensino fôsem constantemente invectivadas através dos anos, ela, por outro lado, sempre salientava os males físicos, mentais e morais resultantes do excesso sexual e defendia a conduta moderada como deveras apropriada para o crente cristão. Os conselhos do Espírito de Profecia em relação ao sexo davam ênfase à temperança.

Consideremos alguns casos e alguns conselhos em que se fundamenta esta declaração introdutória. Ao fazer isto, notamos que Ellen G. White viveu e trabalhou num tempo de grande coibição quanto a falar publicamente ou escrever a respeito de sexo e a relação sexual entre maridos e espôsas. Ela própria casou-se com Tiago White, em 30 de agosto de 1846, depois de certificar-se, por meio de oração, de que estava dando o passo certo. Ela considerou essa questão tanto sob o ponto de vista dos tempos em que eles viviam, pois esperavam que a segunda vinda de Cristo ocorresse muito em breve, como da obra especial para a qual ela havia sido chamada. Cumpre mencionar que ela já estava bem empenhada em seu ministério, pois há dezenove meses fôra o recipiente de visões do Senhor. Como resultado dessa união com Tiago White, ela deu à luz quatro filhos, nascidos respectivamente em 1847, 1849, 1854 e 1860.

Foi principalmente na década de 1860 — a década das visões fundamentais sobre a reforma pró-saúde (6 de junho de 1863 e 25 de dezembro de 1865) — que os conselhos de Ellen G. White começaram a tratar do assunto do sexo. As declarações em anos posteriores proveram alguma elaboração. Seus primeiros escritos no âmbito da saúde versaram sobre esse aspecto, pois antes de discorrer sobre os amplos aspectos do programa da reforma pró-saúde, que lhe haviam sido revelados em 6 de junho de 1863 — conforme o que ela fez em *Spiritual Gifts*, Vol. 4 (agosto de 1864) — ela publicou em abril de 1864 um panfleto de 64 páginas, que versava sobre o “vício secreto” — a masturbação. Intitulava-se: *Apêlo às Mães no Tocante à Grande Causa da Ruína Física*,



*Mental e Moral de Muitas Crianças da Época Atual.*²

A esta altura, ao atingirmos o âmago dos ensinamentos do Espírito de Profecia a respeito do sexo, convém mencionar que existem fortes evidências de que ela empregava as expressões "relação matrimonial" e "relação familiar" para o que chamaríamos hoje simplesmente de "relações sexuais" entre o marido e a esposa.

E qual é a clara dedução desses conselhos? Ela escreveu o seguinte:

"Jesus não impõe o celibato a qualquer classe de homens. Ele veio não para destruir a sagrada relação matrimonial, mas para exaltá-la e restaurá-la em sua santidade original. Ele olha com prazer para a relação de família onde o amor sagrado e altruísta domina o equilíbrio." — *O Lar Adventista*, pág. 121.

"[Cristo] ordenou que homens e mulheres se unissem em santo matrimônio, para constituir famílias cujos membros, coroados de honra, fossem reconhecidos como membros da família celestial." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 356.

"Todos os que contraem matrimônio com santo propósito — o marido para conquistar as puras afeições do coração da esposa; a esposa para abrandar e aperfeiçoar o caráter do seu esposo e ser-lhe complemento — preenchem o propósito que Deus tem para eles." — *O Lar Adventista*, pág. 99.

Consideremos agora algumas referências anteriores — as da década de 1860 — em que ela trata de modo mais específico do ato sexual. Ao fazer isto, ela não profere uma condenação, mas usa freqüentemente a palavra "privilegio":

"As fortificações que mantêm sagradas a particularidade e os privilégios da relação de família." — *Tes. Scleros*, Vol. 1, pág. 199. (Grifo nosso.)

"[Os cristãos que se casaram] devem considerar devidamente o resultado de cada privilégio da relação matrimonial, e santificados princípios devem constituir a base de toda ação." — *Testimonies*, Vol. 2, pág. 380.

"Eles têm abusado de seus privilégios matrimoniais e por meio de indulgência têm fortalecido suas paixões animais." — *Idem*, pág. 391.

As duas últimas declarações foram mais tarde incluídas num artigo de Ellen G. White, publicado na *Review and Herald* de 19 de setembro de 1899, sob o título: "Cristianismo na Relação Matrimonial." (Ver a reedição em *fac-simile* dos artigos de Ellen G. White nas revistas *Present Truth* e *Review and Herald*, Vol. 4, pág. 97.)

Tais declarações, bem como muitas outras de sua lavra, a respeito do casamento e a família, apresentam esse delicado assunto sob o aspecto positivo, não negativo. Com efeito, o pesquisador diligente não encontrará nos conselhos de Ellen G. White para a Igreja, qualquer condenação de moderadas relações sexuais entre maridos e esposas. Não existe indício algum de que o ato sexual deva restringir-se à procriação de filhos.

Ao fazermos esta observação, devemos apressar-nos em chamar a atenção para o grande número de conselhos equilibrados que recomendam que os maridos e as esposas sejam temperantes em suas relações sexuais, esclarecendo que o casamento não justifica os excessos. Nesse sentido, Ellen G. White escreve o seguinte a respeito de muitos pais:

"Não vêem que Deus requer que eles controlem sua

vida matrimonial, evitando qualquer excesso. Bem poucos, porém, sentem ser um dever religioso reger as próprias paixões. Uniram-se em matrimônio ao objeto de sua escolha, e daí raciocinam que o casamento santifica a condescendência com as paixões inferiores. Mesmo homens e mulheres que professam piedade dão rédea solta a suas paixões de concupiscência, e nem pensam que Deus os considera responsáveis pelo dispêndio da energia vital que lhes enfraquece o poder na vida e enerva-lhes todo o organismo." — *Test. Seletos*, Vol. 1, pág. 267.

Ellen G. White emprega uma linguagem um tanto forte ao escrever a respeito daqueles cujas vidas são "sacrificadas na indecorosa obra de excessiva condescendência com as paixões animais." Ela declara que tais pessoas, "por serem casados, julgam não cometer pecado nenhum" (*Idem*, pág. 268). Conquanto exista muita coisa a respeito dêsse ponto, não é preciso mencionar nada mais. A leitura do capítulo "Deveres e Privilégios dos Esposos," no livro *O Lar Adventista*, págs. 121-128, pode ser de grande proveito. Consultai também os seguintes capítulos de *Testimonies for the Church*, Volume 2: "Uma Consciência Violada," págs. 89-93 (*Testemunhos Seletos*, Vol. 1, págs. 198-202); "Extremos na Reforma Pró-Saúde," págs. 377-390; "Sensualidade Entre os Jovens," págs. 390-411; e "Um Apêlo à Igreja," págs. 439-489 (*Testemunhos Seletos*, Vol. 1, págs. 266-272 contém uma parte dêsse capítulo).

Repetimos que em tempo algum Ellen G. White defendeu um amor platônico — o companheirismo espiritual em que não parece existir qualquer desejo sexual. Não obstante, de tempos em tempos têm surgido em nosso meio pessoas que asseveram ser êste o ideal e objetivo que devemos procurar alcançar para comprar mais a Deus. O argumento de que isso conduziria à pureza de vida que o cristão deve esforçar-se por obter, sempre se tem mostrado convincente e atrativo para algumas pessoas. Quando êsse ensino foi apresentado a Ellen G. White, ela afirmou oralmente, não uma, mas diversas vezes, que êle conduziria aos mais horrendos pecados e à mais crassa imoralidade.³

Essa questão tornou-se notória no início da década de 1890, quando a Srta. Ana Phillips, residente em Battle Creek, Michigan, que pretendia ter visões de Deus (Ver *Mensagens Escollidas*, Vol. 2, págs. 85-95), em seus "testemunhos" a certas famílias, dava ênfase à pureza moral e recomendava que os maridos e as espôsas vivessem como irmãos e irmãs, pois era êste o único procedimento aceitável a Deus. Ellen G. White, da Austrália, escreveu o seguinte a respeito dessas manifestações e ensinos de Ana Phillips:

"A obra de Ana Phillips não traz a assinatura do Céu. Sei de que estou falando. Em nossa primeira experiência na infância desta causa, tivemos de enfrentar manifestações semelhantes. Davam-se muitas revelações assim, e tivemos um trabalho muitíssimo desagradável no enfrentar êsse elemento e não lhe dar lugar. Algumas coisas apresentadas nessas revelações se cumpriram, e isto levou alguns a aceitá-las como genuínas....

"Jovens solteiras pretendiam ter uma mensagem para homens casados, e por meio de palavras indelicadas lançavam-lhes em rosto a acusação de abusarem de seus privilégios matrimoniais. Pureza era o tema central das mensagens dadas, e durante algum tempo tudo parecia estar atingindo um elevado estado de pureza e santidade. No entanto, foi-me revelada a natureza oculta dessas questões: Mostrou-se-me qual seria o resultado dêsse ensino.

"Os que se empenhavam nessa obra não eram uma classe superficial, imoral, mas pessoas que haviam sido obreiros muito dedicados. Satanás viu a oportunidade de aproveitar-se dêsse estado de coisas e desonrar a causa de Deus. Os que se julgavam capazes de suportar qualquer prova sem excitar suas propensões carnisais, foram derrotados, e diversos homens e mulheres solteiros se viram obrigados a casar-se." — Carta 103, 1894.

Com semelhante cabedal de experiência, não é de admirar que a Sra. White nunca incentivasse, antes dissuadisse, os que têm assumido o encargo especial de invectivar a impureza moral, em especial os que defendiam publicamente que tôdas as relações sexuais, mesmo no estado matrimonial, eram pecaminosas, a não ser com o único objetivo de procriação. Ela declara que o ensino da pureza moral, da maneira como frequentemente é apresentado, descreve vividamente as deletérias condições existentes, e muitas vezes de forma tão minuciosa que incite pensamentos que sobrepujam os ideais de pureza. Por conseguinte, a Sra. White foi levada a encarar com apreensão tais esforços da parte de "reformadores" ardorosos. Disse ela:

"Tenho receio dos que sentem tanta responsabilidade de labutar nesse sentido. Satanás excita a imaginação, de modo que o resultado não é pureza, mas impureza.... Esse ato de salientar as imperfeições e os erros dos indivíduos é exatamente da mesma natureza que as mensagens falsas não só no Maine, mas em Nova Iorque, Nova Hampshire e Massachusetts. Homens e mulheres casados imitavam os pecados dos habitantes do mundo antes do dilúvio e dos sodomitas. Sei o que estou dizendo, pois me foram transmitidas as mais solenes mensagens para reparar êsse mal que estava atingindo amplas proporções entre os que pretendiam ter o grande encargo de corrigir as pessoas no tocante à pureza. Esse estado de coisas era terrível." — *Ibidem*.

Considerando a sua experiência e a luz que o Senhor lhe havia dado com referência a questões dessa natureza, não é de admirar que ela estivesse sempre de sobreaviso quanto às incur-sões de ensinos extremistas.

(Continuará no próximo número.)

1

Outros grupos contemporâneos que se apegavam ao celibato eram os harmonistas e os seguidores de Jemima Wilkinson. No outro extremo encontravam-se os seguidores de Simão Lovett e João Humphry Noyes, que defendia o "concubinato espiritual" e praticava o "amor livre." Noyes fundou em Oneida, Nova Iorque, uma agremiação de amor livre.

2

Considerável parte da Seção XVI do livro *Orientação da Criança: "Preservando a Integridade Moral,"* foi extraída dêsse panfleto.

3

Mencionado diversas vezes por William C. White, filho de Ellen G. White e durante longo tempo estreito colaborador em sua obra, a seu filho, autor dêste artigo, que labutou nove anos (1929-1937) como seu secretário. Algumas outras informações neste artigo baseiam-se igualmente em conhecimento pessoal ou em fontes contemporâneas dignas de confiança, mas não documentadas. Tôdas elas, porém, acham-se em plena harmonia com o teor de declarações escritas pela pena de Ellen G. White.



EDITORIAL

Era um

Nôvo Pastor

QUANDO Jesus voltou aos Céus, confiou a um pequeno grupo de seguidores um vasto programa de ação missionária que abrangia todos os quadrantes da Terra. As boas novas da redenção deviam ser proclamadas aos 230 milhões de habitantes dispersos sobre a face da Terra. Sem embargo, eles revelavam pouca disposição, precária coragem e mui acanhada compreensão do Mestre e de Sua obra.

No cumprimento dessa difícil tarefa era evidente a ausência de um equipamento eficaz para a obra de fazer discípulos de todas as nações. Eles careciam de colégios, hospitais, casas editoras, templos e organização que lhes ajudassem no esforço por ganhar o mundo para Cristo.

Mas, diz o Sagrado Livro: "E, ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente veio do céu um ruído como de um vento impetuoso, que encheu toda a casa onde estavam sentados. Todos ficaram cheios do Espírito Santo..." Atos 2:1-4. Era o derramamento do Poder prometido, anunciando a alvorada radiosa de uma época de evangelismo triunfante.

Na gloriosa experiência do Pentecostes os discípulos cobraram ânimo e se tornaram quais tochas ardentes, incendiando as multidões com as labaredas do cristianismo. Como resultado, a idolatria foi perturbada, os templos pagãos se esvaziaram e milhares de conversos surgiram por toda parte.

"Sem escolas — escreve L. E. Froom — eles confundiram os eruditos rabinos; sem poder político ou social eles se provaram mais fortes que o Sinédrio; sem um sacerdócio desafiaram o sacerdote e o templo; e sem um soldado foram mais poderosos que as legiões de Roma. E deste modo, sobre a águia romana, plantaram a cruz." — *The Coming of the Comforter*, pág. 127.

Com efeito, um novo capítulo se abriu na história eclesiástica. Após o Pentecostes já não mais haveria portas fechadas para a Igreja. Em vez de se esconderem de seus inimigos, aqueles galileus, outrora tímidos e vacilantes, lançaram-se intrépidos e impávidos à conquista de seus

inimigos. Os açoites, prisões e martírios que se inspiravam no ódio e intolerância não foram suficientes para desviá-los da obra para a qual foram comissionados. Dispersos pela perseguição, eles saíram por todos os caminhos do mundo, proclamando o poder redentor do Evangelho. Eram como labaredas humanas iluminando as nações com a fulgurante luz da verdade.

A experiência do Pentecostes foi o cumprimento da promessa: "Recebereis Poder." Com efeito, o Espírito Santo veio como um poderoso sopro sobre homens sem poder, enchendo-os de energia celestial. E que obra admirável realizaram eles! Tangidos por irresistível impulso interior, anunciaram com ousadia a graça salvadora de Cristo. A inclemente espada de César e as constantes ameaças do Sinédrio, em Jerusalém, não foram suficientes para silenciar aquela plêiade de homens, cujas línguas foram tocadas pelo fogo sagrado.

Pedro, em seu histórico sermão no dia de Pentecostes, esforçando-se por explicar o derramamento do Espírito Santo, declarou: "Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do Meu Espírito derramarei sobre toda a carne." Atos 2:16 e 17. E, concluindo esse sermão, afirmou o apóstolo: "Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar." Atos 2:39. Que promessa era essa? A plenitude do Espírito Santo para viver e servir.

A nossa grande necessidade hoje, como ministros, é a unção do Espírito Santo. A condição de muitos pregadores em nossos dias poder-se-ia resumir nas palavras da parábola de Jesus: "Um meu amigo, chegou a minha casa, vindo de caminho, e não tenho que apresentar-lhe." S. Luc. 11:6. São pregadores de despensa vazia. Têm a verdade, porém carecem de poder; são defensores do Evangelho, mas impotentes na pregação!

A solução para este problema no-lo apresenta o Senhor: "Se vós, que sois maus, sabeis dar

(Continua na pág. 21)



O Ministro Como Conselheiro Matrimonial

(Conclusão)

DR. HAROLDO SHRYOCK

NÃO existe um esboço para entrevistas de conselhos matrimoniais que se adapte a todos os casos. Por via de regra, obtêm-se melhores resultados quando a entrevista é dirigida de modo não convencional. Efetuar uma proveitosa entrevista dessa natureza talvez requiera maior esforço, mas a pessoa que se acha em dificuldade corresponde melhor a um tipo natural de conversação, do que ao estilo afetado de perguntas e respostas. Além disso, uma entrevista permite que o conselheiro adapte o seu método às necessidades do caso individual. As sugestões abaixo são apresentadas a título de orientação.

Sede Cordiais. Lembrai-vos de que o vosso cliente se encontra em estado de tensão emocional, e que uma entrevista em que são debatidos problemas pessoais é uma severa provação. Procurai usar uma linguagem e atitudes que façam com que ele fique à vontade, e não na defensiva. Começai a entrevista com a simples pergunta: "Sobre o que deseja falar?" Isto faz com que ele se sinta mais à vontade, do que se o conselheiro perguntasse abruptamente: "Qual é o problema?"

Mantende a Confiança do Cliente. Pessoas que se acham em dificuldade hesitam em se-

gredar os seus problemas por causa do receio de que estes, por sua vez, sejam contados a outros, e que essas questões delicadas cheguem assim ao conhecimento de todos na comunidade. É bom tranquilizar a pessoa nesse sentido, antes que surja a oportunidade de fazer perguntas a respeito. Dizei para o cliente: "Antes de prosseguirmos com as nossas considerações, desejo assegurar-lhe que reconheço o caráter pessoal daquilo que está sendo apresentado. Prometo não divulgá-lo aos outros, sem a sua permissão."

Deixai que o Cliente Chore. As pessoas que têm problemas matrimoniais — tanto os homens como as mulheres — com frequência acham-se grandemente perturbadas. Quando se encontram então do outro lado da escrivaninha de um conselheiro, ocorre um desabafo. Os assuntos sobre os quais eles falam têm muitas conotações emocionais. Com frequência, na primeira entrevista, o cliente começa a chorar ao narrar a sua história. Alguns ficam embaraçados quanto isso acontece, e é um gesto afável da parte do conselheiro fazer alguma afirmação tranquilizadora e prosseguir então com a entrevista, como se não estivesse acontecendo nada de anormal. Ele pode dizer simplesmente:

“Não se incomode com as lágrimas. Elas indicam apenas que a sua pessoa está reagindo normalmente.”

Procurai Algum Indício. O bom conselheiro realiza muito mais ouvindo do que falando, mas a sua atenção não é passiva. Enquanto êle está ouvindo, sua mente deve manter-se ativa, procurando penetrar além das palavras que são proferidas, na esperança de desobrir problemas básicos. Deve evitar tirar conclusões apressadas, mas convém que esteja atento às evidências de tais circunstâncias como egoísmo, dominação de parentes afins, ansiedade no tocante às finanças, rivalidade quanto ao domínio do lar e divergências entre o marido e a esposa que estabelecem um conflito entre suas convicções conscienciosas.

Não Faça Inquirições. Tanto quanto fôr possível, evitai fazer perguntas diretas. Colocai sobre o cliente a maior parte da responsabilidade de revelar os fatos importantes. Se o cliente desconfiar que o conselheiro está procurando satisfazer sua própria curiosidade no tocante a questões pessoais, por-se-á de sobreaviso e não se sentirá à vontade. A maioria das pessoas reagem de modo desfavorável diante de inquirições. Convém orientar a conversação, fazendo de vez em quando alguma pergunta sugestiva ou algum comentário ocasional. Pode-se até perguntar: “Será que estou compreendendo corretamente a sua pessoa nessa questão?” Ou incentivar a cooperação do cliente, dizendo: “O que pensa a êsse respeito?”

Não Tomeis um Partido ou Outro. O êrro mais freqüente na arte de dar conselhos consiste em simpatizar demasiado com a primeira pessoa a falar, tomando uma resolução quanto ao problema básico, antes de ouvir o outro lado da questão. Enquanto estiverdes prestando atenção à narrativa do cliente, perguntai a vós mesmos: O que se encontra nas entrelinhas dessa declaração? Lembrai-vos constantemente de que na maioria dos casos de dificuldades matrimoniais, a responsabilidade recai mais ou menos em partes iguais sobre o marido e a esposa. Outra pergunta a ser lembrada e para a qual finalmente se terá de saber a resposta, é a seguinte: O que fez esta pessoa para ofender o seu companheiro (ou companheira) de matrimônio?

Não Censureis Àsperamente. O conselheiro de êxito evita ser crítico ou proferir condenação. Fazer isto dissuade o cliente de prestar maiores informações e faz com que êle receie que a sua causa esteja perdida. O conselheiro não deve tolerar o pecado, mas tampouco deve mostrar-se surpreso diante das “coisas terríveis” que possam ser contadas pelo cliente. Em vez de assumir a posição de juiz, seria bom que êle dissesse: “O seu problema é sério.” Ou, talvez, êle poderia perguntar: “O que lhe orde-

na a consciência?” ou “O que diz a Bíblia?”

Ganhai Tempo. Existe um fator referente ao tempo na bem sucedida arte de dar conselhos, que torna impossível realizar numa só entrevista tudo o que o conselheiro almejaria. Leva algum tempo para a pessoa que está em dificuldade compreender a relação entre a causa e o efeito do seu problema. Além disso, quando as emoções são fortemente excitadas, elas interferem na capacidade de pensar com clareza. Às vêzes, portanto, o conselheiro terá de dizer: “Creio que desta vez já deveis estar bastante enfadados. Continuemos numa ocasião posterior.” Longas entrevistas, e entrevistas demasiado freqüentes amiúde dificultam o êxito. Uma hora, em geral, é suficiente para a entrevista, e uma vez por semana constitui um intervalo ideal. Com freqüência, o conselheiro fica encantado ao ver quanto progresso o seu cliente fez por si próprio durante a semana que decorreu entre as entrevistas.

Não vos Demoreis Demasiado em Questões Referentes ao Sexo. Por alguma razão, desenvolveu-se a opinião popular de que o conselheiro matrimonial é um sexologista e que a arte de dar conselhos matrimoniais consiste essencialmente de considerações acerca das relações sexuais. Muitos conselheiros matrimoniais são de opinião que os problemas sexuais são em realidade sintomas e não causas de dificuldade. Por conseguinte, o procedimento seguro a ser adotado pelo conselheiro consiste em olhar além da manifestação de incompatibilidade sexual, para descobrir o temor, a insegurança ou o egoísmo básico.

Evitai a Arbitrariedade. Amiúde é feita a pergunta: Quanto conselheiro deve ser dado pelo conselheiro? A resposta é que êle deve evitar ser arbitrário e compete-lhe incentivar o cliente a tirar suas próprias conclusões e tomar suas próprias decisões, em vez de depender do conselheiro quanto ao que deverá fazer. O que o cliente descobre por si mesmo (depois de haverdes preparado o terreno) exerce maior influência sobre êle do que o conselho formal que podereis dar. Pode-se promover o êxito, perguntando ao cliente: “Tomou uma resolução?” Se êle parece incapaz de fazer suas próprias decisões, dizei-lhe: “Estas são as decisões que você precisa fazer em seguida.” Em relação a isto, também é bom recomendar que o cliente leia certos trechos apropriados, e quando êle voltar, convém perguntar-lhe o que aprendeu da leitura.

Lançai um Desafio Espiritual. Como cristãos, nossa maior oportunidade na arte de dar conselhos matrimoniais consiste em dirigir os pensamentos do cliente para a Fonte de sua força espiritual. Perguntai-lhe se êle crê que Deus tem interesse pessoal em cada um de

(Continua na pág. 16)

C. B. ROCK

Secretário da Associação Ministerial da União do Sul,
Estados Unidos

O ENCARGO de pregar pode ser expresso de diversas formas. É a tarefa de alimentar o rebanho, de fortalecer e edificar os santos, de esclarecer e defender a fé, de propagar e estender o reino de Deus na Terra, ou alguma de muitas outras funções vitais e significativas. No entanto, ao mesmo tempo que abrange tôdas essas razões para pregar, a filosofia exarada na declaração de Paulo em II Coríntios 5:19, onde êle descreve sucintamente os seus trabalhos como o ministério da reconciliação, sobrepuja tudo isso.

Reconciliar significa restabelecer a harmonia; ajustar; restaurar a amizade. Portanto, Paulo considera o ministério como grandiosa tentativa da parte de homens especialmente escolhidos para essa tarefa, de pôr o homem novamente em harmonia, companheirismo e conformidade com a vontade e o favor de Deus. Com efeito, Wuest traduziu o versículo 19 da seguinte maneira: "Êle nos confiou a mensagem de restauração ao favor." E a versão de Phillips declara: "Êle nos tornou agentes da reconciliação." Ambos apóiam, portanto, a idéia de um embaixador procurando estabelecer compreensão e paz entre o govêrno que êle representa e o povo ao qual foi enviado. Utilizando êste ponto de vista ou filosofia a respeito da pregação, notemos os três indispensáveis apelos à razão que devem ser constantemente proclamados pelo agente ou pregador, para que seus trabalhos sejam ao mesmo tempo relevantes e eficazes.

A Necessidade

O primeiro apêlo é a *necessidade* de reconciliação. O pecado, como vaga impetuosa, não sòmente fêz separação entre o homem e o seu Deus, desprendendo-o do ancoradouro do amor divino, mas arrastou-o para longe do litoral da vida; e quanto mais o homem se afastar, maior será a sua degradação e devassidão, e mais densas as trevas que o cercam.

A incapacidade do homem para achar o caminho que o conduza de volta a Deus, completa o dilema. Ele não pode endireitar a si mesmo. Vê a lamentável situação em que se encontra. Contempla o seu paraíso perdido. Sente-se desamparado ao procurar escapar das fôrças convulsivas de uma natureza enfurecida, ao esforçar-se febrilmente para fortalecer a barragem de sua sociedade que se desintegra, ao lutar freneticamente para conservar-se vivo, e, no entanto, percebe que é constantemente arrasado para a nulidade da sepultura insaciável. Todos os projetos de invenção humana não con-

seguiram alterar essa tendência. A humanidade, caída no lamaçal, não pode erguer-se a si mesma. Os pedidos de socorro requerem obviamente um poder infinitamente superior às fôrças do próprio homem, vítima do pecado.

O Instrumento

Tal é a condição do homem. Tal é a sua profunda e permanente necessidade. E é sob o aspecto dessa necessidade que devemos apresentar o segundo passo de nosso apêlo na pregação — comunicando ao homem o divino *instrumento* de reconciliação. No versículo 18 de II Coríntios 5, Paulo diz que Deus "nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo." João menciona o seguinte a respeito dêsse instrumento de restauração:

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Êle estava no princípio com Deus. Tôdas as coisas foram

O Ministério

feitas por intermédio d'Êle, e sem Êle nada do que foi feito se fêz. A vida estava n'Êle, e a vida era a luz dos homens." "E o Verbo Se fêz carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai." S. João 1:1-4 e 14.

Notai como êstes versículos nos apresentam diversos aspectos elucidativos acêrca de Cristo. Antes de mais nada, João Lhe confere a denominação de Verbo, ou "logos", de Deus. O vocábulo "logos" denota completa identidade entremesclada, assim como as palavras de alguém são uma parte ou representação de sua própria pessoa. E para reforçar a idéia, João proclama a eternidade de Cristo — "no princípio;" Seu companheirismo — "estava com Deus;" e Sua natureza divina — Êle era Deus. E é nesta questão referente à natureza de Cristo que deparamos com o verdadeiro ponto crucial do mistério da piedade, pois o divino, preexistente e eterno Deus tornou-Se "carne, e habitou entre nós." Jesus tinha de ser ao mesmo tempo inteiramente *logos* e inteiramente carne a fim de cumprir Sua missão. Tinha de ser tão humano como Adão, pois do contrário não poderia

ser um exemplo para a raça humana no tocante à obediência e o sofrimento. Tinha de ser *logos*, porque apenas Alguém que estivesse intimamente familiarizado com o Pai poderia vindicar o Seu caráter, revelar o Seu amor e satisfazer os reclamos da lei. O Legislador precisava morrer pelo transgressor da lei. Só então os mundos não caídos e os anjos compreenderiam isso. Só então Satanás e suas hostes seriam completamente desmascarados. Só então Deus seria justificado ao perdoar o homem e conceder-Lhe uma segunda oportunidade.

Os Resultados

Tendo considerado assim a necessidade de reconciliação e o instrumento para efetuá-la, resta-nos mais um importante fator no desempenho dessa responsabilidade. É a consistente revelação dos *resultados* da reconciliação. A Versão Ampliada das Escrituras declara: "Ele

de reconciliação

veio ao mundo, e embora o mundo houvesse sido feito por Seu intermédio, o mundo não O reconheceu — não O conheceu. Veio para o que Lhe pertencia, para o que era Seu [domínio, criação, coisas, mundo], e os que eram Seus não O receberam e não O acolheram de bom grado. Mas a todos quantos O receberam e O acolheram, deu-lhes a autoridade [poder, privilégio, direito] de se tornarem filhos de Deus, a saber; aos que crêem — se apegam, confiam — no Seu nome." S. João 1:10-12 — *The Amplified Bible*.

A gloriosa obra da reconciliação consiste no fato de que todos os seguidores de Cristo que crêem e obedecem se tornam membros adotivos da família celestial e, por conseguinte, herdeiros e recipientes dos benefícios que pertencem normalmente a todos os filhos de Deus. Esses benefícios são conferidos sob dois aspectos — tranqüilidade mental e segurança na vida presente e as alegrias da vida eterna, por ocasião da volta de Cristo. A reconciliação transforma a confusão em ordem, as trevas em luz, a frustração em paz e, acima de tudo, torna a morte apenas um sono do qual os

justos despertarão para as belezas do Paraíso restaurado. E é isso que o homem precisa saber.

Tôda cultura e tôda era têm manufaturado barcos filosóficos em que o homem espera transpor as correntezas da morte. Nações e gerações têm surgido e desaparecido, deixando atrás de si um labirinto de folclores e mitos que procuram conjecturar acêrca do futuro. Primorosos sistemas têm sido elaborados por pensadores ilustres. Homens que fazem esplendorosas promessas com referência à vida futura têm ateadado cruzadas e revoluções e inspirado multidões de pessoas. O cristianismo, porém — e unicamente o cristianismo — pode apontar para um sepulcro aberto e apresentar resolutamente um conceito consistente, lógico e confirmado, a respeito do futuro; consistente, porque tem resistido às devastações dos séculos; lógico, porque se harmoniza com o relato bíblico acêrca da criação, da queda e da redenção; e confirmado pelos ciclos de debilitamento e recuperação da Natureza, em suas estações, marés, vegetação e, principalmente, pela morte e ressurreição de Cristo, como cumprimento das profecias da Palavra.

Um Caso de Reconciliação

Todo pregador devia ter à sua disposição um arsenal de experiências por meio das quais lhe seja possível ilustrar o processo de reconciliação. Uma de minhas ilustrações prediletas é a de dois jovens, que contraíram núpcias durante a crise financeira no final da década de 1920, mas que tiveram de separar-se pouco depois, devido a algum descuido legal da parte do jovem espôso. Oriundo de uma das ilhas britânicas nas Antilhas, êle obtivera permissão para passar certo tempo na América do Norte, sob as rigorosas condições de um passaporte de estudante, que êle infringiu. Quando lhe foi necessário trabalhar para sustentar sua espôsa e seu filhinho que nasceu durante o primeiro ano de matrimônio, êsse casal foi separado por lei, tendo vivido juntos menos de dois anos. Êle teve de voltar para a pequena ilha em que nascera e reiniciar os processos para ingressar outra vez na América do Norte.

O que se esperava fôsse apenas uma ausência temporária, transformou-se num verdadeiro pesadelo de frustração e pesar quando um dispositivo legal após o outro falhava por causa de uma estranha seqüência de circunstâncias políticas e diplomáticas. Os meses foram-se prolongando até converterem-se em anos, e depois de quase uma década, a grande quantidade de cartas que a princípio trocavam entre si chegou gradualmente ao fim.

Ambas as partes tentaram obter felicidade em casamentos posteriores, os quais, apesar de haverem falhado, pareciam indicar completa e

definitiva dissolução de seu enlace. Todavia, a esperança de reconciliação nunca desapareceu inteiramente do coração da esposa e mãe, e com o auxílio de parentes na América do Norte, ela restabeleceu a correspondência com o homem ao qual não tinha visto agora durante mais de trinta anos. Depois então, com grande sacrifício, fez uma viagem de milhares de quilômetros para visitar a ilha em que residia o seu ex-marido. Ali, nas praias arenosas dessa pequena ilha, essas duas pessoas ativaram as centelhas do amor que outrora haviam experimentado, e quando o navio que a trouxera voltou para os Estados Unidos, ela levou consigo a promessa de nova união e reconciliação.

Após diversos meses de providências legais e pessoais, o marido voltou de fato para os Estados Unidos, e efetuou-se a restauração desse matrimônio. Num dramático desfecho do que havia sido uma demorada experiência decepcionante, essas duas pessoas conseguiram reencontrar e restabelecer sua felicidade, seu paraíso perdido. Conheço muito bem este caso, pois essas duas pessoas são meus pais, e diviso em sua experiência uma expressiva figura da reconciliação da humanidade perdida, com o seu Criador.

A felicidade do homem com Deus foi interrompida no jardim do Éden, pela desobediência à lei, e a humanidade foi separada, afastada e alienada da comunhão com o Pai celestial. Após a queda decorreram séculos e mais séculos de decepção, tristeza e separação, para as quais não havia recurso legal. Todavia, em Sua compaixão e amor, Deus desejava resgatar-nos, e depois de quatro mil anos de pecado, Ele enviou o Seu Filho — Seu agente de reconciliação — para efetuar nossa restauração. “Deus estava pessoalmente em Cristo, reconciliando consigo o mundo.” II Cor. 5:19 — Versão Inglesa de Phillips.

Declara Wuest: “Absoluta divindade operava no Filho. Quando veio a estas plagas, descobriu apenas um pálido reflexo da imagem das criaturas que formara 4.000 anos antes, mas inundou-nos de amor, e a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem resgatados ou de se tornarem filhos de Deus. Voltou agora para o Seu lar a fim de completar os processos legais, mas em breve ocorrerão as bodas do Cordeiro, a restauração final.”

Que Acontecerá?

Que acontecerá quando a pregação girar em torno da enunciação desses aspectos essenciais do ministério da reconciliação?

1. Escaparemos da cilada de pregar opiniões em vez de boas novas. O Evangelho consiste em boas novas, mas só podemos apresentá-lo desta maneira quando ficamos deslumbrados

com o conceito da esperança e do propósito referentes à restauração e reconciliação. Opiniões teológicas, opiniões religiosas e mesmo opiniões denominacionais não comovem nem impressionam os homens com a realidade de seus pecados, mas o Evangelho consegue fazer isto.

2. Veremos nova vida em nossa pregação, e não apenas entusiasmo derivado da apresentação de alguma coisa vital. Isto também ocorrerá, mas veremos principalmente um poder renovador — o incentivante e vinculador poder de Deus. Lemos em S. João 1:4 e 5: “A vida estava n’Ele, e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas.”

As maravilhas da vida de Cristo eram chamadas *kerugma* pelos gregos e os judeus helenísticos de tempos antigos, e quando eles pregavam o *kerugma*, pretendiam estar pregando os poderosos atos de Deus em Cristo. Assim eles perpetuaram esses eventos em seus efeitos, e assim, por meio dos agentes de reconciliação usados por Deus no tempo atual, essas obras continuam. Sim, a luz continua brilhando por nosso intermédio.

Esse pensamento, de que a pregação pretende realizar freqüentemente as mesmas obras realizadas por Jesus, Gene Barlet denomina corretamente de “audácia da pregação.” Mas a ênfase aqui não é tanto um poder ou avivamento que aumente o número de membros da igreja, e, sim, que nos conceda *melhores* membros. Temos suficientes membros legalistas, farisaicos, arrogantes, presunçosos, que praticam a letra da lei mas estão destituídos do Espírito Santo — pessoas que colhem e petiscam as folhas da justiça, plenamente convictos de que terão um lugar no reino, mas que nunca viram ou aceitaram realmente a semelhança de Cristo e os elementos de disposição de ânimo e estado de espírito como suprema essência da religião; pessoas que não usam penas porque o ato de arrancá-las fere as aves, mas acabam comendo essas aves; pessoas cujos vestidos são compridos, mas cuja paciência é curta; pessoas que condenam o uso de alianças, mas promovem a formação de círculos ou rodas sociais e políticas em nossas igrejas.

As ridículas incoerências de legalismo constituem talvez hoje em dia o maior desafio para o ministro do Evangelho, e nossa única esperança de avivar entre o rebanho a verdadeira piedade racional, amorosa e abnegada reside na pregação do que muitas vezes deixamos de pregar, e que no entanto deve ser o maior de todos os nossos esforços — o ministério evangélico da reconciliação.

A Cada um a Sua Obra

ANTÔNIO ARTEAGA

A PRESENTE geração compete viver num tempo em que estão desaparecendo os "homens-orquestra." Seu lugar está sendo ocupado, cada vez mais, pelos especialistas. Com raras exceções, os homens têm de limitar os seus esforços a um ramo de estudo se desejam conservar o seu lugar nas profissões modernas. É verdade que não está errado procurar obter uma cultura ampla, mas poucos indivíduos podem esperar tornar-se autoridades em várias profissões ou vocações cujo domínio exija longo tempo e esforço.

Aquêle que deu talentos aos homens, não tencionava que cada servo Seu desempenhasse tôda espécie de trabalhos, e menos ainda nas tarefas de Sua vinha. Como parte do sermão profético, encontramos as seguintes palavras de Jesus: "É como se um homem, partindo para fora da terra, deixasse a sua casa e desse autoridade aos seus servos, e a cada um a sua obra." S. Mar. 13:34. Sem dúvida, a obra de cada pessoa deve estar em harmonia com os seus talentos. Cada um não somente recebeu uma quantidade específica de talentos, mas também uma espécie de trabalho na qual se espera que os talentos concedidos se desenvolvam e produzam o máximo de frutos para glória e honra dAquele que os outorgou.

É importante que cada um descubra qual é a espécie de trabalho que o Senhor lhe designou. Talvez nem sempre seja aquela que a pessoa mais apreciaria. Quantos indivíduos gastaram tempo preparando-se para uma tarefa que Deus não lhes designou! Muitos descobrem um pouco tarde e com amargura que erraram sua vocação. Nalguns casos, as pessoas seguiram determinada carreira porque os pais ou alguém de confiança insistiram que o fizessem. Noutros casos, talvez a pessoa pense que se conseguir colocar-se neste ou naquele setor de atividade, poderá receber o aprêço ou a admiração que anela. Seja qual fôr o motivo, se Deus não chamou o indivíduo para êsse ramo de Sua obra, os resultados podem produzir grande decepção. Conheço um homem que estudou Medicina, não porque tivesse maior inclinação pela arte médica, mas porque seu pai exercia essa profissão e o constrangeu a seguir a mesma carreira. Êsse homem chegou a ser médico. No entanto, quando eu o visitava, embora tivesse a sala repleta de pacientes, tomava tempo para falar-me dos passeios

que esperava fazer pelos bosques, e das vacas e dos cavalos que desejava comprar, dos terrenos e chácaras que pretendia adquirir. Era óbvio que tinha mais vocação para a agricultura e a criação de gado, do que para a Medicina. Não fiquei surpreso ao saber que êle havia abandonado a profissão.

Na obra do Senhor há lugar para uma variedade de talentos. Cada um deve contribuir para o progresso da obra de Deus, ocupando com gratidão o lugar para o qual o Senhor lhe tenha dado maior capacidade. Quão patético e lamentável é ver um homem numa posição errada, desempenhando de forma mediocre uma tarefa que não se harmonize com a sua experiência e capacidade!

Desde a infância, tive grande predileção pela música. Sentia verdadeira inveja quando via alguém tocar com maestria algum instrumento. Também desejava cantar como o faziam alguns de meus amigos. Contudo, apesar de minhas aspirações e de muito esforço, tive um dia de pagar a última lição ao quinto professor que procurou ensinar-me música, e retirar-me convencido de que se eu deixasse de seguir tais estudos, o mundo dos filarmônicos não perderia nada com a minha renúncia. Com tristeza, tive de aceitar o veredicto dos que me disseram com franqueza que o meu problema consistia na falta de "ouvido musical." Depois dessa experiência, tive de conformar-me em ouvir outros tocarem e desfrutar as melodias produzidas pelos que receberam êsse talento do Criador.

É necessário que a pessoa aprenda a colocar-se e ser colocada no lugar em que possa ser útil. Faz bom número de anos que recebi a ordenação ao ministério, mas nunca olvidarei o homem que pregou o sermão de consagração. Recordo-o, não pelo conteúdo do assunto, mas pelo fato de que naquela tarde de junho metade da congregação estava dormindo. Foi um discurso longo e monótono. Não lembro nada do que êle disse, e creio que foi apenas a excitação do momento da ordenação que me conservou acordado durante aquela pregação. Indubitavelmente, escolheu-se aquêle pregador para falar nessa ocasião, devido a sua idade e porque exercera vários cargos importantes na Organização. O certo é que êle era um homem muito consagrado e de muita experiência. Suas opiniões eram muito valiosas em reuniões

de negócios, mas evidentemente o púlpito não era sua especialidade.

Sem dúvida alguma, às vezes é difícil para os que têm a responsabilidade de repartir tarefas, dar a cada um o trabalho que lhe corresponde. Em ocasiões especiais, como aquela que acabamos de mencionar, as pessoas encarregadas de indicar os oradores depararam com a dificuldade adicional de ter que escolher entre várias pessoas, todas elas com muitos anos de serviço, e que vieram de regiões distantes. Receia-se ferir suscetibilidades, ou dar a impressão de não saber conferir a cada um a consideração que merece. Todavia, nalguns casos, ao procurar honrar alguma pessoa, solicitasse-lhe que faça algo que outros presentes poderiam cumprir de modo mais satisfatório. Isso serve apenas para decepcionar os que esperam ouvir algo oportuno e bem apresentado.

Quando eu cursava os meus estudos secundários, oferecia-se instrução para os que quisessem aprender a dar tratamentos hidroterápicos. As aulas de anatomia, unidas a esses cursos de tratamentos, mostravam-se fascinantes. Mas ninguém dos que cursavam tais matérias podia considerar-se autoridade em Medicina. É verdade que na ausência do médico, o enfermeiro pode proporcionar orientação numa emergência, mas só nesse caso.

Lembro-me também de haver feito alguns cursos de contabilidade. No entanto, em momento algum eu ousaria legislar em questões financeiras. Quando não há outros que saibam algo com referência a balanços, atrevo-me a oferecer minha pobre opinião. Porém, em presença de contadores profissionais e de experiência, a razão me aconselha a ceder-lhes o lugar e guardar silêncio, no que se refere a finanças. Ser teólogo é uma coisa, e ser contador é outra coisa.

Há alguns privilegiados que podem desempenhar eficientemente mais de uma espécie de atividade. Em tais casos, convém reconhecer esse fato e aproveitar sua boa contribuição. Entretanto, a maioria dos que recebemos apenas um talento, não podemos esperar ser eficientes em tarefas que requerem aptidões que não possuímos.

Em nossos dias as condições do mundo demandam maior preparação para trabalhar com êxito. Necessitamos concentrar nossos esforços na parte da obra em que poderemos ser mais úteis. A obra de Deus sairá ganhando se não intentarmos fazer o trabalho que o Senhor nos confiou. Muitas vezes por necessidade ou para sair do apuro, nomeiam-se pessoas para cargos que são para elas como a armadura de Saul no corpo de Davi. Não deve ser assim. Aquêles a quem Deus tenha dado o talento de cantar, que cante; aquêles que pode curar, que cure; aquêles que pode pregar, que pregue;

aquêles que pode dirigir as finanças, que o faça; e aquêles que pode ensinar, que ensine.

Quando as sessões da Associação Geral eram celebradas cada ano, às vezes um só teólogo tomava a maior parte do tempo nas reuniões. Numa ocasião, quando a Sra. E. G. White estava presente, um de nossos teólogos tomou a palavra em 26 reuniões do congresso. Era algo fora de proporção, levando em conta a quantidade de pastôres presentes. Obviamente, os que dirigiam não estavam preocupados em repartir equitativamente as pregações; só lhes interessava que tomasse o tempo quem pudessem corresponder à necessidade do momento.

Convém levar em conta a experiência e o lugar que cada um merece na igreja, mas não devemos ignorar o fato de que nem sempre os anos representam conhecimentos, pois embora alguns tenham a experiência de vinte anos na Obra, outros podem ter somente a experiência de um ano vivido vinte vezes.

Em muitos casos, os anos não trouxeram sabedoria para o coração. Noutros casos, as circunstâncias fizeram com que alguns diluíssem os seus esforços, tentando meia dúzia de atividades distintas ou preenchendo lugares vagos.

É desejável que cada um descubra a tempo em que direção pode aplicar os seus talentos, mantendo-se então nesse setor para conseguir certo grau de eficiência.

O Ministro como Conselheiro . . .

(Continuação da pág. 11)

Seus filhos professos. Perguntai-lhe então se possui suficiente fé para acreditar que Deus permitiu a presente dificuldade como meio de realizar um bom propósito. (Ver Hebreus 12:6.) Perguntai-lhe em seguida se consegue agora discernir a razão por que essa experiência ocorreu talvez em sua vida. Em caso contrário, incentivai-o a orar por esclarecimento para relacionar-se com essa experiência de maneira a fortalecer o caráter — o seu próprio ou o de alguma outra pessoa envolvida. (Ver Jó 42:10.) Nalguns casos, em que o cliente parece haver sido grandemente tentado a fazer algo pecaminoso, é melhor dizer: "Isso foi uma tentação de Satanás," do que criticar abertamente a conduta do cliente.

Concluí a Entrevista com uma Oração. Esta é a oportunidade que tem o conselheiro para estabelecer um precedente por meio do qual esse indivíduo aprenda a levar os seus problemas a seu Pai celestial. Pode-se apresentar a oração dizendo simplesmente: "Estes problemas são muito grandes para serem solucionados por nossas próprias forças humanas. Inclínemos a cabeça por um momento, em oração, antes de você sair, e supliquemos a intervenção e o poder de Deus nessa questão."

550 Almas Ganhas em Mérida, Iucatão—México

CARLOS E. AESCHLIMANN

Evangelista da União Mexicana

A GRANDE campanha evangelística, organizada pela Missão Sudeste, na cidade de Mérida, capital do exótico Estado de Iucatão, redundou, com a bênção de Deus, na conquista de 550 almas, que se uniram à igreja por meio do batismo.

Foi um esforço total em prol da pregação do Evangelho. O rádio, a televisão, a imprensa, a pregação, a obra pessoal etc., foram usados profusamente para proclamar a verdade.

O Território

Com seus 200.000 habitantes, Mérida é a principal cidade da Missão Sudeste que conta com quase 10.000 membros batizados. A igreja de Mérida possuía uns 150 membros, a maioria dos quais foram ganhos para Cristo numa campanha evangelística anterior, que datava de dez anos. Mérida é uma cidade dinâmica, turística. Possui uma universidade e um instituto tecnológico.

Trabalho Prévio de Preparação

A preparação da cidade começou oito meses antes da primeira conferência. Foram usados quatro meios:

1) *Carteiros Missionários*. Uns 60 leigos trabalharam com umas 750 pessoas, levando semanalmente a seus lares as lições do curso por correspondência "A Voz do Lar." Um dia antes do início das conferências, realizou-se uma grande formatura desses estudantes, que depois constituíram o núcleo principal dos que assistiram às conferências. Dirigiram o trabalho os diretores de Rádio da União Mexicana e da Missão Sudeste, Prof. Davi G. Poyato e Pastor Jerônimo Madrigal, respectivamente.

2) *Rádio*. Pelas emissoras locais eram transmitidos os programas "A Voz da Esperança" e "A Voz do Lar." Este último é um microprograma gravado pelo evangelista.

3) *Televisão*. Dois meses antes das conferências, transmitiu-se um programa de TV gravado pelo evangelista. Calcula-se que uns 80% da população viram o programa.

4) *Questionário*. Um mês antes das conferências, foram visitados 12.000 lares, pedindo que o público respondesse a um formulário acêrca dos assuntos preferidos. Algum tempo depois, todos foram visitados novamente e receberam convites para as conferências.

Equipe Evangelística

Compunha-se de obreiros das Uniões Mexicana e Centro-Americana.

Evangelista: Pastor Carlos Aeschlimann Hernández.

Evangelistas Associados: Pastôres Estêvão López Porras e Pedro Arano Molina.

Pastôres Locais: Jacó Saviñón e Francisco Arguelles.

Instrutores: Pastôres Antônio Escandón, Roberto Folkenberg, Lázaro Concha, irmãos Oscar Guillén, Antônio Acosta, Patrício Pérez, Eduardo Pérez Cabrera, Rubicel Bastar, José Hayasaka, Jeremias Miguel, Sotero Salomé, Amálio García, Heráclio Caamal, Agostinho Galicia, Bernardo Javier P.

Instrutoras: Sra. de López Porras, Josefina Tórres, Rebeca Ruíz.

Um total de 23 obreiros que trabalharam em perfeita harmonia e com consagrada dedicação.

Organização

A magnitude da campanha requeria uma perfeita organização. A direção era exercida por uma comissão presidida pelo presidente da Missão Sudeste, Pastor Velino Salazar. As resoluções concernentes ao trabalho evangelístico eram tomadas por uma comissão executiva presidida pelo evangelista e os chefes de equipes e comissões.

Funcionaram as seguintes comissões:

1. Imprensa e Relações Públicas
2. Música e Programas Especiais
3. Propaganda
4. Acomodadores
5. Arranjos Especiais
6. Secretaria

7. Compilação de Materiais
8. Administração e Finanças
9. Assuntos Pastorais

Os obreiros estavam divididos em quatro equipes evangelísticas. Cada equipe tinha um chefe que dirigia, orientava e aconselhava. O chefe repartia o trabalho, revisava os resultados e ajudava em caso de problemas menores. Somente os problemas maiores eram transmitidos ao evangelista.

Propaganda

Foi usado o rádio, a televisão e a imprensa. Além disso, foram enviados convites a todos os alunos do Curso por Correspondência e às pessoas que preencheram os questionários. Colocaram-se cartazes nas casas comerciais e imprimiram-se volantes. Realizou-se grande promoção para que os irmãos trouxessem visitas, sugerindo-se que cada um deles trouxesse pelo menos cinco visitas.

Gradação do Trabalho Evangelístico

1. *Conferências.* No comêço foram proferidas conferências sociais e cristãs. Havia conferências simultâneas em quatro lugares diferentes: em dois teatros da cidade, pelo evangelista, e em duas cidades vizinhas, pelos dois evangelistas associados.

2. *Classe Bíblica.* Logo após as primeiras conferências foi organizada uma classe bíblica. Os assistentes recebiam uma Bíblia e os evangelistas dirigiam um curso que os interessados seguiam com a Bíblia na mão.

3. *Classe Batismal.* Desde o princípio se organizaram classes batismais para juvenis, jovens e adultos. Funcionaram de forma permanente doze classes batismais.

4. *Obra Bíblica Pessoal.* Os obreiros das equipes evangelísticas davam estudos bíblicos nos lares dos interessados. Nesses estudos bíblico usou-se um curso especial para o público católico, denominado Curso Bíblico do Lar. Nas classes batismais usou-se um curso especial, intitulado: Nós Cremos.

Assuntos

O evangelista apresentou as seguintes séries de assuntos:

a) *Assuntos Sociais:* Delinqüência Juvenil, O Lar, A Educação dos Filhos, A Felicidade, A Saúde Mental, O Álcool, O Fumo, Problemas da Juventude.

b) *Assuntos de Base Cristã:* Existência de Deus, Jesus Cristo, A Bíblia, A Oração.

c) *Assuntos Escatológicos:* Daniel 2, Segunda Vinda de Cristo, Sinais, Nova Terra.

d) *Assuntos Cristológicos:* Origem do Pe-

cado, Plano de Salvação, Arrependimento e Confissão, Justificação, Santificação.

e) *Assuntos Distintivos:* A Verdade, O Juízo, A Lei de Deus, O Sábado.

f) *Assuntos Eclesiológicos:* 2.300 Dias, História da Verdade, A Igreja Primitiva, A Derrocada da Verdade, A Restauração da Verdade, A Igreja Adventista.

g) *Assuntos Sobre o Além:* A Vida, O Mistério da Morte, Ressurreição, Vida Nova.

h) *Assuntos de Confirmação:* Normas de Vida e Saúde, Espírito de Profecia, O Dízimo, A Organização da Igreja.

i) *Assuntos de Decisão:* O Batismo, Novas Criaturas, Segue-me etc.

Curso de Evangelismo

Funcionou um curso de evangelismo com aulas diárias. As matérias foram:

Evangelismo — Pastor Carlos Aeschlimann

Evangelismo Pessoal: Pastor Pedro Arano Molina

Psicologia Pastoral: Pastor Carlos Aeschlimann

Além disso, o presidente da União Mexicana, Pastor Alfredo Aeschlimann, ministrou diversas aulas sobre doutrina e culto.

Participação dos Leigos

Os leigos foram um poderoso elemento de êxito na campanha. Colaboraram nas seguintes formas:

a) Trabalho prévio

b) Convidando o público para as conferências

c) Integrando as diversas comissões

d) Ajudando como acomodadores

e) Em partes especiais

f) Atendendo muitas funções pastorais

g) Dando estudos bíblicos e preparando candidatos para o batismo.

Algarismos Eloquentes

Pessoas formadas nos cursos por correspondência — 750 alunos

Visitas de questionário aos lares — 12.000 lares

Assistência às primeiras conferências — 2.500 pessoas

Alunos do Curso Bíblico — 1.800 pessoas

Interessados que recebiam estudos bíblicos — 1.850 pessoas

Batizados — 550 almas

Custo da campanha — 15.200 dólares

Resultados

Foram celebradas seis cerimônias batismais. Numa delas, uniram-se à Igreja 124 almas. Para que mais de mil pessoas pudessem observá-

(Continua na pág. 21)

Quanto Vale teu Sermão?

ALCIDES C. RODRIGUES

Pastor da Igreja do Arruda, Recife

NUMA das velhas e históricas igrejas de Salvador estava eu, quando um religioso, antecipando a chegada do vigário, apelava aos poucos presentes a que incentivassem o desejo de outras famílias patrocinarem o pagamento de outras missas. Ele se responsabilizara por uma em determinado dia de cada mês; mas eram caras, era necessário que outros ajudassem!

Desci naquela noitinha a ladeira íngreme e tão velha quanto a igreja, com uma perfurante interrogação em minha mente de pastor!

Se uma missa custa tão caro, quanto deveria valer meu sermão?!

Nossos sermões não são pregados em termos financeiros, seus objetivos são bem outros; mas suponhamos que eles tivessem que ser pregados na base das missas daquele sacerdote. Quanto valeriam eles?

Num mês temos 4 domingos, 4 sábados e 4 quartas-feiras, isso em geral; portanto doze sermões, mas o primeiro sábado é missionário, cabendo ao pastor uma das partes tão-somente, ou às vezes o sermão; geralmente no mês temos uma visita. Tomemos, por conseguinte, dez sermões por mês. Faze o cálculo dentro de teu salário, e te abismarás com o preço de teu sermão!

É uma realidade; quantas vezes, lamentavelmente, há sermões que não valem dois minúsculos cruzeiros!

Sermões sem objetivo, sem princípio nem fim, um emaranhado de medíocres pensamentos; produzindo mal-estar e dor de cabeça no ouvinte, na ânsia por buscar entender aquilo que o pregador apresenta!

Sermões-barafunda! Isto me leva a pensar no que ouvi uma vez em espírito de galhofa: "Um pregador pediu ao acompanhante que escolhesse o hino final. Este ouviu atentamente a confusão de frases, e no final não houve outro hino senão 'Um Dia Ele Esclarecerá.'"

Que valor tem tal sermão? Espiritualmente inexpressivo, financeiramente nulo!

Se nossa subsistência dependesse do gabarito de nossas pregações, como estaríamos vivendo?

Creio que todos estariam se esmerando na sua oficina (escritório), para apresentar o melhor!

Graças a Deus que não vivemos em função do material, mas não podemos divorciar-nos des-

se aspecto enquanto estivermos no mundo.

Graças a Deus que vivemos mais na base do amor pelos perdidos, e é disto que o mundo necessita.

"A época vigente pede homens fortes. Faz-se mister o aparecimento de um Moisés ou de um Elias; grandes e valentes condutores de povos que não pensem no salário, porém que mostrem ao mundo quão longe pode levá-los o amor." 1

Tenho observado nestes dias conturbados, pregadores atarantados correndo para cima e para baixo, atrás de tudo, menos atrás das almas. São verdadeiras baratas tontas; mas recebem palavras de encômio: "Isso é que é um homem trabalhador!" Eu diria: "Isso é que é um homem descontrolado!"

Um pregador assim, cuida de tudo menos do preparo do seu sermão! É daqueles que rabiscam seu sermão na última hora ou vão ao público para dar um matado estudo bíblico.

Companheiros de luta, observei certa feita um pregador que ao assomar ao púlpito levava um superado livro de esboços, abria-o e lia ao público um daqueles arcaicos sermões. Dirigia ele, portanto, uma igreja fria, doente, caminhando para o túmulo.

João sabia que Deus o chamara para apresentar ao mundo uma mensagem singular, por isso se esmerou no preparo para desincumbir-se de tão tremenda responsabilidade!

"Quando um homem é enviado de Deus, ele o sabe, e o mundo também o sabe. Dentre todas as preparações essenciais para o evangelismo, nada é mais importante do que a preparação do pregador. Precisamos sentir novamente nosso supremo chamado." 2

"O único homem que vale alguma coisa no ministério é aquele que não pode nem ousa fazer outra coisa." 3

A igreja necessita que lhe dediquemos parte de nosso programa, estudando e pensando. Ela não está interessada em sermões baratos, pregações arranjadas ao cruzar os batentes do templo; palestras assim qualquer homem pode fazer! Quando a igreja sabe que o pastor não estará pregando, diminui a assistência. Aí está evidenciado que ela confia no preparo do ministro; mas, oh como é lamentável quando a igreja sabe que o pastor pregará e mesmo assim não vai! Que valor está tendo teu sermão? É tempo de pensar seriamente.

"Davi disse em II Samuel 24:24: 'Não oferecerei ao Senhor meu Deus holocaustos que me não custem nada.' Trazer um saco de ossos secos à igreja, na manhã de sábado, é um insulto ao povo que durante toda a semana batalhou contra a tentação e lutou com seus problemas." 4

(Continua na pág. 23)



Essas Interrupções!

MIRIA HARDINGE

Espôsa de Ministro, em La Sierra, Califórnia

— **B**EM — disse meu espôso ao curvar-se para desatar os cordões dos sapatos, enquanto nos aprontávamos para dormir — o dia de hoje não decorreu da maneira como *eu* havia planejado.

Não pude conter o riso ao dizer:

— Não decorreu também como *eu* havia planejado!

— Foi, porém, muito agradável rever aquêles dois. Pedro está tão entusiasmado com o seu trabalho!

Meu espôso meneou a cabeça ao continuar:

— Houve um tempo em que pensávamos que Ele nunca conseguiria fazer isto. Suas notas eram muito baixas. Parecia não saber estudar, mas aprendeu algo — com a animação que os outros lhe deram. Agora revela grande maturidade. Veja só: já irá cuidar de uma igreja! É maravilhoso o que o Espírito Santo pode realizar em favor de uma pessoa dedicada!

Cada um de nós fizera planos para realizar naquele domingo muita coisa que reclamava atenção. Não havia compromissos, e o dia era livre — segundo pensávamos. Estávamos descendo as escadas, para efetuar algum serviço, quando tocou a campainha da frente, e junto ao degrau da porta encontravam-se dois jovens, ex-estudantes, esboçando um amplo sorriso. Sentimos grande prazer em vê-los e participamos de seu entusiasmo ao falarem a respeito de suas atividades na igreja. Nós os ajudamos a encontrar algum material de que necessitavam para o desempenho de diversos ramos da obra, e, naturalmente, os convidamos a almoçar conosco.

Nem bem haviam saído, quando outro toque de campainha nos chamou para a porta da frente.

— Tendes alguns minutos de sobra? — implorou o homem junto à porta. — Preciso muito falar convosco a respeito de... — e seu aspecto apreensivo e perturbado demonstrava que realmente necessitava de auxílio. Decorreram duas horas ou mais até êle ir embora, mas com o passo mais leve e uma fisionomia mais radiante.

Em nosso lar, sempre dizemos que “o domingo é um dia em que se pode esperar qualquer coisa ou qualquer pessoa.” Êle sempre nos

tem causado grandes surpresas. Nunca sabemos o que ou quem o domingo nos poderá trazer. Pode ser que não venha pessoa alguma, e pode ser também que ocorram muitas coisas e venham muitas pessoas nesse dia. Na verdade, é realmente um dia cheio de surpresas.

Às vêzes um dia assim pode ser assaz decepcionante. A pessoa diz consigo mesma, rangendo os dentes: “Tenho de fazer isto hoje,” e quando ocorre uma interrupção, fica tôda desconcertada, porque terá de abandonar os seus planos ou ficar acordada até altas horas da noite para completá-los quando todos já houverem ido para a cama.

Talvez a pessoa esteja fazendo pão — e é tocada a campainha da porta.

Talvez esteja lavando o cabelo — e soa o telefone.

Talvez esteja preparando o esbôço de uma preleção — e alguém da família precisa de auxílio — e agora?!

Oh! quão decepcionados podemos ficar por serem desfeitos todos os nossos planos, e quanto dano podemos causar a nós mesmos se nos deixarmos dominar por essa frustração!

Afinal, por que magoar-se com isso? De manhã cedo, nós nos consagramos a Deus. “Fazei disto vossa primeira tarefa” — declara a serva do Senhor.

— Sempre faço tal coisa! — direis vós. Lede, porém, o que vem em seguida:

“Seja vossa oração: ‘Toma-me, Senhor, para ser Teu inteiramente. Aos Teus pés deponho todos os meus projetos. Usa-me hoje em Teu serviço. Permanece comigo, e permite que tôda a minha obra se faça em Ti.’” E então ela faz mais esta admoestação: “Submetei-Lhe todos os vossos planos, para que se executem ou deixem de se executar, conforme o indique a Sua providência.” — *Vereda de Cristo*, edição de bolso, pág. 67.

É nesse ponto que reside muitas vêzes a nossa dificuldade. Elaboramos cuidadosamente os nossos planos, e ficamos irritados quando não conseguimos efetuá-los por causa de interrupções. Mas não é isso que nos compete fazer. Devemos *submeter os nossos planos* ao Mestre, e

então, se Ele achar conveniente alterá-los de alguma forma, devemos lembrar-nos de que nos compete efetuar os Seus planos.

Portanto, o vestido que deixastes de cortar, o canteiro de flôres que não foi limpadado, o bôlo que não ficou pronto para ser levado ao forno, a preleção que não conseguistes preparar, o artigo que não foi possível copiar — não eram tão importantes como as coisas que vieram como interrupções. A palavra de encorajamento que proferistes, o tempo que gastastes para procurar e explicar algum material a um jovem obreiro, o bom conselho que destes, podem ser um ponto decisivo na vida e na obra da pessoa que fez a "interrupção."

Aceitai essas interrupções como elas se apresentam em realidade — uma alteração de planos ordenada por Deus. E ao fazer isto, perdeis o sentimento de frustração que doutra forma teríeis abrigado, e contentar-vos-eis com o conhecimento de que estais realizando a vontade de Deus e cumprindo os Seus desígnios.

Ao aceitar as interrupções que surgem, tereis a seguinte promessa: "Assim dia a dia podereis entregar às mãos de Deus a vossa vida, e assim ela se moldará mais e mais segundo a vida de Cristo." — *Ibidem*.

Era um Nôvo Pastor

(Continuação da pág. 9)

boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedirem?" S. Luc. 11:3.

Há alguns anos passados, um ministro, sentindo-se derrotado, desanimado em sua experiência pastoral, demitiu-se de sua igreja; cria que não seria honesto para com o rebanho se continuasse como pastor.

No dia seguinte partiu da cidade onde ministrava e viajou para um Estado distante, para assistir a um Instituto Bíblico. O pregador que inaugurou os trabalhos daquele Instituto apresentou o tema: "A Plenitude do Espírito Santo." Ao desenvolver êste assunto, mostrou como um ministério estéril se podia transformar em um ministério abundante e fecundo. Naquela mesma noite o desalentado ministro prometeu ao Senhor que, se lhe desse uma nova oportunidade, revestindo-o do poder do Espírito Santo, tornar-se-ia o ministro que devia ser. Da reunião foi diretamente à agência telegráfica e enviou à pequena igreja uma mensagem, informando que um nôvo pastor estaria no púl-

pito, na semana seguinte, e animando-os a não deixarem de ouvi-lo.

Na semana seguinte, com grande surpresa a congregação viu subir ao púlpito o mesmo desalentado ministro, que na semana anterior havia renunciado o seu pastorado. Entretanto, em seu telegrama havia dito a verdade: era um novo pastor! Não era mais um homem vencido; pregava com renovado entusiasmo, ousadia e poder, e sob a influência de seu ministério a igreja prosperou em forma surpreendente e extraordinária.

"E para vós é a promessa," declarou Pedro, o audaz legionário da cruz. Conceda-nos Deus esta maravilhosa graça, o Seu Espírito, capacitando-nos para a grande obra de anunciar aos homens a intervenção divina nos destinos do mundo!

ENOCH DE OLIVEIRA

550 Almas Ganhas em Mérida, . . .

(Continuação da pág. 18)

la, foi realizada em três turnos. A última cerimônia, em que estiveram presentes todos os obreiros, foi memorável: num só batismo, uniram-se à Igreja 153 preciosas almas. Oficiaram na cerimônia três pastôres, simultaneamente.

Como fruto da campanha, organizou-se uma nova igreja na cidade de Mérida. Obteve-se um bom local, e hoje funciona ali uma igreja organizada de mais de 100 membros.

A campanha trouxe benefícios para tôda a região, pois os obreiros foram às diversas igrejas das imediações, proferiram conferências e organizaram classes batismais. Como resultado, nada menos de 200 pessoas chegaram ao conhecimento da verdade.

A Missão do Sudeste terá um ano glorioso na conquista de almas. No terceiro trimestre já havia batizado quase mil pessoas. Indubitavelmente, conseguirá alcançar pela primeira vez o seu alvo de batismos.

A campanha de Mérida significou não só a conquista de centenas de almas, mas um poderoso reavivamento em tôda a região, e também uma nova experiência espiritual na vida dos obreiros participantes.

Dessa maneira ficou demonstrado novamente que o poder de Deus acompanha os labôres da pregação do Evangelho. A seara está madura, é preciso organizar devidamente a colheita. Um genuíno reavivamento do espírito evangelístico que caracterizou a igreja primitiva é a resposta para o desafio do tempo atual.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

O Significado de Azazel

Pergunta 34

Não são os adventistas do sétimo dia os únicos a ensinar que o bode emissário, ou Azazel, representa a Satanás?

NÃO, os adventistas do sétimo dia não são os únicos a crer que Azazel representa a Satanás. Façamos algumas considerações sôbre a palavra e sua origem.

Na K.J.V. (e também na Versão de Almeida), a expressão usada para designar o segundo bode no ritual do Dia da Expição (Lev. 16:10) é "bode emissário;" na *Revised Version*, na *American Revised Version* e na maioria das outras traduções, a palavra empregada é "Azazel," que é transliteração do termo hebraico.

A ETIMOLOGIA DA PALAVRA NÃO É CLARA. — O vocábulo "Azazel" tem sido objeto de muita discussão e conjectura através dos séculos. Numerosos eruditos admitem que êle é "uma expressão de invulgar dificuldade" (SMITH E PELOUBET, *A Dictionary of the Bible*, pág. 65); "a origem e o significado do bode 'para Azazel' são deveras obscuros" (JORGE B. STEVENS, *The Christian Doctrine of Salvation*, pág. 11); "sua etimologia não é clara" (T. W. CHAMBERS, "Satanás no Antigo Testamento," *Presbyterian and Reformed Review*, Vol. 3, pág. 26). Notai o seguinte:

"A [sua] etimologia, origem e significado são ainda assunto de conjectura. A designação bode emissário, na A. V. [K. J. V.] (isto é, o bode que se deixava escapar, expressão derivada de *capere emissarius* da Vulgata) obscurece o fato de que o vocábulo *Azazel* é um nome próprio no original, sendo particularmente o nome de um poderoso espírito ou demônio." — A. R. S. KENNEDY, *Hasting's Dictionary of the Bible*, pág. 77.

COMO SURTIU A EXPRESSÃO "SCAPEGOAT" — "BODE EMISSÁRIO" — NA K.J.V. — A tradução no texto da *King James Version* é "scapegoat." O significado que lhe dá o dicionário (em inglês) é "scape," proveniente do inglês antigo — *scapen*. Chaucer usou-a na expressão "help us to scape" (ajuda-nos a escapar). (*Century Dictionary Encyclopædia*.)

"Scapegoat... provém de *scape*... uma forma mutilada de *escape*." (W. W. SKEAT, *Etymological Dictionary in the English Language*.)

Isto nos dá a idéia de um bode que escapava, com o sentido de que o bode era enviado para o deserto, sendo-lhe permitido ficar livre. Mais tarde, essa palavra passou a significar "uma pessoa ou coisa que leva a culpa de outros" (Dicionário de Webster).

Tyndale foi evidentemente a primeira pessoa a empregar a palavra "scapegoat" em traduções inglesas:

"Inventada aparentemente por Tyndale (1530), para expressar o que êle julgava ser o sentido do [térmo] hebraico... *Azazel*, que ocorre apenas em Lev. 16:8 e 10. (No vers. 10 êle traduziu-o assim: 'O bode sôbre o qual caía a sorte para escapar.') A mesma interpretação é expressa pela Vulgata: *capere emissarius* (e por conseguinte *bouc emissaire* no francês) e pela versão de Coverdale (1535): 'the fregate' (o bode livre), mas é agora considerada indefensável. Essa palavra não aparece na *Revised Version* de 1884, cujo texto diz 'Azazel' (nome próprio) e 'dismissal' (soltura) na margem, como versão alternativa." — *Oxford English Dictionary*, Vol. 9, pág. 180.

Contudo, no que diz respeito a êsse capítulo do livro de Levítico, Tyndale foi evidentemente influenciado em maior grau pela Vulgata, a base das traduções católicas romanas das Escrituras Sagradas, do que pelo texto original em hebraico, que tem sido usado pelos protestantes e outros mais. A Vulgata Latina que, afinal de contas, é uma fonte secundária — sendo ela própria apenas uma tradução — verte o termo "Azazel" por *capere emissarius*, que é usado para "bode emissário" ou "Azazel" em Levítico 16:8, e significa "o bode que foi enviado para fora ou escapou."

A EXPRESSÃO "BODE EMISSÁRIO" OBSCURECE O SENTIDO. — Muitos eru-

ditos crêem que a expressão "bode emissário" não dá uma idéia correta do texto hebraico; alguns acham até que ela é um tanto desconcertante. O insigne crítico Dr. S. R. Driver comenta o seguinte:

"Um espírito mau, que as pessoas supunham habitar no deserto. Essa palavra ocorre apenas aqui no Antigo Testamento... A tradução *bode emissário*, procedente de Simaco por intermédio de Jerônimo, certamente é incorreta; não concorda com o vers. 26, e implica uma derivação que se opõe à natureza da língua hebraica, como se Azazel fôsse uma palavra composta... Além disso, a acentuada antítese entre *para Azazel* e *para JHVH*, não deixa dúvidas de que o primeiro encerra a idéia de um ser pessoal." — *Book of Leviticus*, pág. 81.

Um erudito da escola evangélica declara, no *Sunday School Times*, que traduzir "Azazel" por "bode emissário" é desconcertante:

"O bode para Azazel, o bode emissário, conforme essa palavra é às vezes traduzida erroneamente, simboliza o desafio que Deus faz a Satanás. (S. João 1:8; Efés. 3:10)." — J. Russell Howden, em *Sunday School Times*, 15 de janeiro de 1927.

O NOME "AZAZEL." — O testemunho de muitos eruditos do passado, tanto judeus como cristãos, bem como de muitos no presente, encerra o sentido:

a. De que Azazel se Refere a uma Pessoa.

A autoridade judaica, Dr. M. M. Kalisch. — "Não resta dúvida alguma de que Azazel é um ser pessoal, sobre-humano e maligno — em realidade, um perverso demônio... Isso foi confirmado por antigos escritores cristãos, que identificam Azazel com Satanás (*Orígenes*. C. Cels. VI 43, pág. 305, ed. Spencer; *Irineu*. Adv. Haer. 1. 12; *Epifânio*. Haeres XXXIV. 11) e por muitos eruditos posteriores e modernos." — *A Historical and Critical Commentary on the Old Testament*, Vol. 2, págs. 328 e 329.

"*International Standard Bible Encyclopedia*." — "Pelo emprego da mesma preposição... no tocante a Jeová e a Azazel, parece natural... deduzir algum ser pessoal." — "Azazel," Vol. 1, pág. 343.

"*A Dictionary of the Bible*," de Smith e Peloubet. — "Os mais eminentes eruditos modernos admitem que êle designa o ser pessoal ao qual era enviado o bode, provavelmente Satanás." — Pág. 65.

b. Que Azazel se Refere a Satanás.

J. Russell Howden (*Igreja da Inglaterra*). — "O bode para Azazel, o bode emissário, conforme essa palavra é às vezes traduzida erroneamente, simboliza o desafio que Deus faz a Satanás.

"Dos dois bodes, um era para Jeová, significando a aceitação, da parte de Deus, da oferta pelo pecado; o outro era para Azazel. Isso deve ser interpretado provavelmente como uma pessoa, estando em confronto com Jeová na cláusula precedente. Assim, Azazel é provavelmente um sinônimo de Satanás." — *Sunday School Times*, 15 de janeiro de 1927.

Samuel M. Zwemer (*Presbiteriano*). — "O diabo (Sheitan ou Iblis) tem um nome próprio — Azazel. Êle foi expulso do Eden." — *Islam, a Challenge to Faith*, pág. 89.

E. W. Hengstenberg (*Luterano*). — "A maneira em que a expressão 'para Azazel' é contrastada com 'para Jeová', requer forçosamente que Azazel designe um ser pessoal, e, nesse caso, só pode representar a Satanás. Se Azazel não significa Satanás, não existe razão para as sortes que eram lançadas. Não vemos então qualquer motivo por que a decisão era atribuída a Deus, e por que o sumo sacerdote não designava simplesmente um bode como oferta pelo pecado, e o outro para ser enviado ao deserto." — *Egypt and the Books of Moses*, pág. 170 e 171.

J. B. Rotherham (*Discípulos de Cristo*?). — "'E uma sorte para Azazel' (Lev 16:8). — Parece impossível

discordar da opinião de que 'Azazel,' ao invés de ser um nome para o bode expiatório, é o nome ou o título de um ser maligno, oposto a Yahweh, ao qual era enviado o bode vivo, no grande Dia da Expição. Admitindo-se isto, resta ainda investigar o significado dessa cerimônia muito peculiar e impressiva de enviar para Azazel o bode vivo. Supondo que Satanás é representado por Azazel — e não parece existir outra coisa que possamos aceitar biblicamente — é muitíssimo importante observar que aí não se faz alusão a qualquer sacrifício oferecido ao espírito maligno." — *The Emphasized Bible*, Vol. 3, pág. 918.

Guilherme Jenks (*Congregacionista*). — "Bode emissário. Ver a opinião diferente de Bochart. Spencer, segundo as opiniões mais antigas dos hebreus e dos cristãos, acha que Azazel é o nome do diabo, e o mesmo sucede com Rosenmuller, ao qual convém consultar. A Versão Siriaca traz Azzail, o 'anjo (forte) que se revoltou.'" — *The Comprehensive Commentary of the Holy Bible*, pág. 410.

"*Abingdon Bible Commentary*" (*Metodista*). — "Sobre os bodes deviam ser lançadas sortes, uma para Jeová e a outra para Azazel. A tradução soltura na *Revised Version*, margem (cf. *remoção*, na *American Standard Version*, margem) é inadmissível, estando baseada numa etimologia errada. O significado da palavra é desconhecido, mas deve ser lembrada como o nome próprio de um demônio do deserto." — Página 289.

Poderíamos mencionar também a Guilherme Milligan, Tiago Hastings e Guilherme Smith, da Igreja Presbiteriana; Elmer Flack e H. C. Alleman, da Igreja Luterana; Carlos Beecher e F. N. Peloubet, da Igreja Congregacional; Jorge A. Barton, da Sociedade dos Amigos; João M'Clintock e Tiago Strong, da Igreja Metodista; Tiago M. Gray, da Igreja Episcopal Reformada; e muitos outros que se expressaram do mesmo modo. Os adventistas, através dos anos, têm estado plenamente de acordo com as declarações desses eminentes teólogos e eruditos, a respeito desta questão. — *Questions on Doctrine*, págs. 391-395.

Quanto Vale Teu Sermão?

(Continuação da pág. 19)

Sermões baratos produzem cristãos baratos! Deus pede a melhor dádiva; por que nós os pregadores não Lhe damos o melhor?

Mais estudo e mais meditação produzirão sermões mais fortes e, conseqüentemente, uma igreja mais forte, menos apostasia e mais convicção.

Cuidemos pois, companheiros, para que nossas pregações não sejam um canto fúnebre, mas uma marcha de vitória!

1 Rosalee M. Appleby, *Melodias da Alvorada*, pág. 62.

2 Roy Allan Anderson, *O Pastor-Evangelista*, pág. 46.

3 *Idem*, pág. 47.

4 *Idem*, pág. 289.

O Homem com o Relógio

H. M. S. RICHARDS

JOÃO TURNER e eu iniciamos o ministério juntos, nas planícies do Colorado. Lembro-me de havermos pregado numa escola. Uma noite, um homem entrou e sentou-se bem na minha frente. Tinha um relógio de ouro, mais barulhento que qualquer outro que já ouvi. Segurava-o pela corrente, balançando-o e olhando para êle. Eu quase lhe disse o que o Dr. Parker, num templo londrino, declarou a um jovem que ficava olhando o relógio, sem prestar atenção alguma ao pregador: "Guarda êsse relógio, môço. Estou falando da eternidade, e não do tempo." Mas, felizmente, eu nada disse.

O homem era um bêbado da mais baixa classe. O álcool arruinara-o. Sua senhora queria que êle fôsse à reunião, e assim é que êle foi.

Alguns meses depois, numa reunião a que assisti, encontrei-me com um senhor jovem e muito simpático. Tinha os cabelos bem penteados, vestia um lindo terno e tinha um olhar vivo. Ao ver-me, levantou-se e me disse:

— Como está o senhor? Como vai?

Respondi-lhe:

— Muito bem, obrigado, mas... não o conheço.

— Sim, conhece.

— Parece-me que não — retruquei.

Disse êle então:

— Eu sou o homem do relógio.

Quando eu o vira antes, estava êle sob o efeito do álcool, cadavérico, despenteado, imundo, sem salvação, perdido. Poucos meses depois, sob o poder de Deus, fôra transformado física, mental e espiritualmente.

Desejo reafirmar que há poder em Cristo Jesus para vós e para mim. Há poder para fazer de vós o que deveis ser. E há poder n'êle, pregadores do Evangelho, para dar-vos nova esperança e levar-vos a alcançar, vós mesmos, normas mais elevadas.

Oração Eficaz

Não é a aritmética de nossas orações:
o seu número;

Nem a retórica de nossas orações:
a sua eloquência;

Nem a geometria de nossas orações:
o seu comprimento;

Nem a lógica de nossas orações:
os seus argumentos;

Nem o método de nossas orações:
a sua disposição ordenada —

Que têm maior eficácia;
e, sim, o fervor de espírito.

Wesleyan Methodist



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50

Ano 35 N.º 5

NESTE NÚMERO

ORAÇÃO DE LUTERO	2
OS ADVENTISTAS E O CONTRÔLE DA NATALIDADE DE J. R. Spangler	3
FILOSOFIA DE GUILHERME MILLER ACERCA DA PREGAÇÃO E O ENSINO	5
ELLEN G. WHITE E AS RELAÇÕES MATRIMONIAIS — 1.ª PARTE Artur L. White	6
EDITORIAL	
ERA UM NOVO PASTOR Enoch de Oliveira	9
O MINISTRO COMO CONSELHEIRO MATRIMONIAL — CONCLUSÃO Dr. Haroldo Shryock	10
O MINISTÉRIO DE RECONCILIAÇÃO C. B. Rock	12
A CADA UM A SUA OBRA Antônio Artegaça	15
550 ALMAS GANHAS EM MÉRIDA, IUCATÃO — MÉXICO Carlos E. Aeschlimann	17
QUANTO VALE TEU SERMÃO? Alcides C. Rodrigues	19
A SEU LADO ESSAS INTERRUPÇÕES! Mirã Hardinge	20
PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA O SIGNIFICADO DE AZAZEL	22
O HOMEM COM O RELÓGIO H. M. S. Richards	24
ORAÇÃO EFICAZ Wesleyan Methodist	24